

3 O progresso da definição

O datiloscrito do primeiro livro de Cacaso, que foi devolvido por correio da França por José Guilherme Merquior, guardado no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, é o único original sobrevivente ao tempo. Repletos de notas feitas pelo crítico, tais escritos mostram logo na folha de rosto a primeira — e relevante — interferência do pensamento do autor de *Razão do poema* na poética de Cacaso:

Passei a não gostar tanto deste título. Por que não A Palavra Cerzida, As Palavras Incendiadas (o último verso) ou coisa assim? Você sabe, Primeira Elegia soa bem, mas o diabo é a aderência aguada que esse substantivo, aliás nobre, ganhou. Pense nisso.

Vários termos das notas de José Guilherme se repetirão nos seus textos futuros. “Aguada”, por exemplo, é o mesmo adjetivo que Merquior usa para definir “os imitadores dos mestres de 22 e 30” (MERQUIOR in BRITO, 1967: 11) no texto que viria abrir *A palavra cerzida*. Entende-se que Cacaso não fez parte deste grupo graças à advertência prévia do crítico⁵.

“O lado de dentro”, seção inicial do livro, de acordo com as notas de Cacaso, foi todo escrito em 1963. Na primeira versão do índice, planejada pelo poeta, contava com oito poemas: “O pássaro incubado”, “Explicação do amor”, “Leila: seca e fértil”, “A roupa do homem morto” (este, o único listado no projeto de *O boi e outros legumes*), “Tietê”, “Gameleira”, “Romance de Dino” e “O galo e o dia”, a seção levava também o subtítulo “8 poemas cabralinos”. A versão que chegou às mãos de Merquior não tinha a menção nominal a Cabral, mas a intenção temática já era de conhecimento do crítico que, por conseguinte, afirmaria ser este um bloco de poemas de “inspiração cabralina de densidade crescente” (MERQUIOR in BRITO, 1967: 11). Para que tal efeito fizesse sentido, José Guilherme manipulou “O lado de dentro” mais do que qualquer outra parte

⁵ Se “elegia” era um título “nobre”, estampado, por exemplo, na capa das *Cinco elegias* de Vinicius de Moraes, é notável o início do seu “aguaceiro” com os poetas de 45, a primeira das gerações que Merquior elegeu para atacar. Por exemplo, na *Antologia poética da geração de 45*, publicada em 1966, o termo é repetido algumas vezes: nos títulos dos poemas de Domingos Carvalho da Silva (“Elegia marítima”, mais aguada impossível, e “Elegia para os suicidas”), Geir Campos (“Elegia quase ode”), Renata Palotini (“Elegia”), e na bibliografia de Dantas Motta (*Elegias do país das gerais*), José Paulo Moreira da Fonseca (*Elegia diurna*), Mauro Mota (*Elegias*) e Santo Sousa (*Caderno de elegias*).

de *A palavra cerzida*, e todas as suas sugestões foram acatadas por Cacaso: a supressão de quatro dos poemas (“Leila: seca e fértil”, “A roupa do homem morto”, “Tietê”, e “Romance de Dino”) e a transferência de dois poemas (“A ostra” e “O samurai”) da seção seguinte, “O triste mirante”, para esta, com o objetivo de alcançar a esperada ascese do método de Cabral.

“Leila: seca e fértil” foi originalmente escrito em 30 de setembro de 1963. Após a revisão feita pelo próprio Cacaso em 1966, o poema ganhou modificações apenas em relação à pontuação e à troca de um único verso (o terceiro da última estrofe). Mas Merquior, a caneta azul, sugeria algo mais radical:

Apesar de alguns versos bons, falta o “progresso da definição”. Eu suprimiria. Não é, porém, problema se ficar. Mas para que ficar se não se impõe?

A mesma questão relativa à “definição” se repete em “A roupa do homem morto”, o protopoema cacasiano.

O verso é bom, a “definição” engenhosa — mas não leva a grande coisa: é mais descritivo que “definidor”. Não tem, como no “Pássaro incubado”, um sentido humano expresso, de forma altamente artística, pelas imagens definidoras. Eu suprimiria.

Retomando o texto “Falência da poesia”, no qual a geração de 45 é responsabilizada pelo “crime de ter traído a poesia, e de ter atrasado em tantos anos o firme florescimento de uma poética da realidade brasileira”, o crítico afirma que a subtração do nome de João Cabral de Melo Neto do grupo é obrigatória, pois “sua atitude de rigor, de concentração é toda consequente e penetrante” (MERQUIOR, 1996: 56), diferentemente do restante dos nomes (alguns citados na nota de rodapé número 6) que não deixariam nenhum resultado “no plano do monumento, do *definitivo*” (grifo meu). Eis a primeira citação do conceito de “definição/definitivo” na obra de Merquior. O “rigor” e a “concentração penetrante” na elaboração das imagens de “realismo” — que estão “a quilômetros de distância das pobres fantasias dessa versalhada” (idem) da geração de 45 — podem ser entendidos como pré-requisitos para o alcance da “definição” cabralina que faltam aos poemas de Cacaso, ou melhor, poderiam ter faltado. O “progresso de definição”, ausente no poema suprimido “Leila: seca e fértil”, é uma das principais qualidades ressaltadas por Merquior no prefácio de *A*

palavra cerzida em relação à primeira seção do livro. Mais uma vez, a pré-leitura de José Guilherme “salvaria” a estreia de Cacaso do “baixo nível” do panorama bipolarizado da poesia corrente:

A qualidade peculiar dessa poesia está, precisamente, no seu poder de respeitar a materialidade do objeto, que não se torna simbólico por abstração — por projeção de sentimentos humanos — e sim por contínua concreção. É a visão objetiva, fria e lúcida, que alimenta o impulso ético e comanda o “progresso da definição” (MERQUIOR in BRITO, 1967: 12)

A qualidade cabralina em Cacaso, acentuada pelo crítico, é, curiosamente, a mesma evitada no livro de estreia de Chico Alvim, ausência essa também acentuada por José Guilherme. No texto sobre o poeta de Brasília, escrito em 1969, Merquior exalta o grande trunfo de *Sol dos cegos* e discorre mais detalhadamente, mesmo que de forma breve, sobre o “progresso”:

[*Sol dos cegos* representa] o abandono do primado do intelectual na linguagem cabralina. Este “primado intelectual” opera, no verso cabralino, de duas maneiras fundamentais: ou como recurso *sistemático* a uma vasta articulação temática regida por símbolos-chave (*Fábula de Anfión*, *O cão sem plumas*, p. ex.), ou como poesia fenomenológica regida por uma espécie de um “progresso de definição” desenvolvido, desde uma metáfora nuclear, por meio de quadras ou estrofes-blocos transitivos, não raro seriais (p. ex., *Serial*, *A educação pela pedra*). (MERQUIOR, 1997: 210)

Portanto, fica clara a intenção de José Guilherme em relação a “O lado de dentro”. Se Antonio Carlos pensou propositadamente que a parte inicial de seu livro era feita de “poemas cabralinos”, Merquior destacou aqueles que possuíam estrofes desenvolvidas a partir de uma metáfora nuclear. “Leila: seca e fértil”, “A roupa do homem morto”, “Tietê” e “Romance de Dino” não resolviam a fórmula do “progresso de definição”, ao mesmo tempo que “A ostra” e “O samurai” resolviam, e por isso foram realocados do “Triste mirante” — seção, segundo José Guilherme, na qual “prevalece uma vibração toda subjetiva” (MERQUIOR in BRITO, 1967: 12) confirmada pela presença de Cecília, Drummond e Bandeira — para a parte explicitamente cabralina do livro.

O único e mínimo momento de superação cacasiana “no sentido dialético da palavra, das fontes murilianas e cabralinas” (idem: 14), de acordo com Merquior, está na penúltima seção d’*A palavra cerzida* “na dicção perfeita” dos poemas “Noturno Maduro” e “A um barbeiro com amor”. Os dois exemplos são

quantitativamente inferiores em relação aos que foram citados na obra de Capinan — “o *Inquisitorial* só se perde na terceira parte” (MERQUIOR, 1997: 192) — e Francisco Alvim — uma das “expressões mais sólidas do verso jovem, pelo menos desde a *Luta corporal* de Ferreira Gullar” (idem, 217). Pois, embora simpatizante da poesia do primeiro livro de Cacaso, é em *Grupo escolar* que José Guilherme Merquior satisfaz o desejo de ler o poeta em compasso com o seu próprio tempo. Em “Musa morena moça: notas sobre a nova poesia brasileira”, o crítico bate palmas para a “antiepifania, a descelebração, o humor corrosivo” do segundo livro de Antonio Carlos de Brito, aproximando-o da qualidade debutante de Capinan e Alvim.

O livro alterna a sátira político-social e a polêmica literária, ao mesmo tempo em que embute ambas em andantes poéticos pontilhados por efeitos de distanciamento [...]. O poeta não precisa “da memória do susto / mas da véspera do trapezista” — e realmente é esta a poesia mais perto, no Brasil de agora, do *salto mortale* do *verdadeiro* engajamento estético-intelectual, equidistante tanto do ornamentalismo, sofisticado ou não, de maioria da lírica de celebração quanto do realejo “participante” (MERQUIOR, 1980: 149).

Os versos citados por Merquior são do poema “Cartilha”, que abrem o *Grupo escolar*, e foram escritos em 2 de agosto de 1966 — quando *A palavra cerzida* ainda estava no prelo. A datação dos originais de “Cartilha” e “O poema anfíbio”, este escrito em 18 de maio de 1967, também incluído no *Grupo escolar*, revela a continuidade de um projeto poético que mesmo retomado sete anos depois, elabora questões relacionadas à mesma “angústia da influência”, principalmente cabralina, mas agora marcadamente embativas seguindo as tendências iniciadas com *Inquisitorial* de Capinan e do *Sol dos cegos* de Chico Alvim, via Merquior. Portanto, mesmo que alguns ainda afirmem que *A palavra cerzida* foi um momento único, diferente, numa trajetória marcadamente “marginal”, esta mudança radical de dicção não foi um corte brusco, mas sim um processo gradual, presente no andamento dos capítulos de *Grupo escolar*.